



RESUMO EXPANDIDO SUBMETIDO AO XXVI ENID - 2024 - UFPB OFICINAS DE HANSENÍASE: EXAME NEUROLÓGICO SIMPLIFICADO COMO FERRAMENTA DE OTIMIZAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZADO PRÁTICO EM DERMATOLOGIA

Artur Xavier Cristofolletti;
Beatriz Brasileiro de Macedo Silva;
Maria Eduarda de Oliveira Araújo;
Marcos André Lima Lins;
Rafaela Ribeiro D'Azevedo Carneiro;
Raphaela Rodrigues de Queiroz;
Esther Bastos Palitot de Brito;
Samir de Figueiredo Azouz;
Joanne Elizabeth Ferraz da Costa

Programa de Monitoria

CCM - Centro de Ciências Médicas Campus I - João Pessoa

INTRODUÇÃO

A hanseníase, causada pelo *Mycobacterium leprae*, é uma doença milenar, de caráter crônico e infeccioso, que afeta principalmente os nervos periféricos, os olhos, o nariz e a pele. No Brasil, segundo país com maior número de casos no mundo, ela continua sendo um desafio de saúde pública, com pacientes que lidam diariamente com estigmas sociais e a incapacidade física que a doença pode gerar. O diagnóstico precoce e o tratamento adequado são cruciais, dada a alta morbidade associada à doença. (PCDT, 2022) (Brasil, 2024).

Como a hanseníase pode causar deformidades e limitações físicas irreversíveis, é fundamental realizar a Avaliação Neurológica Simplificada (ANS) regularmente. Através dela é possível avaliar o grau de incapacidade física, assim como acompanhar padrões de melhora ou piora. A ANS é composta por testes de sensibilidade, avaliação da força muscular e palpação dos nervos periféricos, permitindo verificar o comprometimento nervoso e físico.

Segundo Leite (2020), a Atenção Primária à Saúde (APS) tem um papel essencial no manejo da hanseníase, sendo responsável pela educação sobre a doença e o acompanhamento desde o diagnóstico até a recuperação. Isso destaca a importância de incluir tal tema na formação de médicos generalistas, visto que a APS é um dos principais contextos de atuação desses profissionais (Leite, 2020).

A monitoria tem como objetivo otimizar o processo de ensino-aprendizagem, integrando exercício prático ao repertório teórico. As oficinas utilizam Metodologias Ativas de Ensino, colocando o estudante como protagonista do seu aprendizado, de modo a concretizar as habilidades e competências necessárias para a formação de médicos generalistas.

METODOLOGIA

As oficinas foram realizadas no Centro de Ciências Médicas (CCM), com a presença do professor orientador, de dois monitores e de grupos com 6 a 8 alunos. Foram realizados 8 encontros ao longo dos dois semestres, com duração de 120 minutos cada. A oficina foi composta por um momento teórico com os monitores e por um segundo momento prático com o protagonismo dos discentes.

O material teórico foi composto pelo vídeo, confeccionado pelo Ministério da Saúde em parceria com a Federação Internacional de Organizações de Combate à Hanseníase, intitulado “Avaliação Neurológica Simplificada em Hanseníase”. No treinamento prático, os monitores e o professor responsável acompanharam de perto a execução das manobras semiológicas e forneceram orientações sobre o preenchimento correto dos formulários utilizados na prática clínica. Além disso, os alunos aprenderam a manusear o estesiômetro, um dispositivo usado para avaliar a sensibilidade tátil.

O público alvo das oficinas foi composto por discentes regularmente matriculados na disciplina DIPI 00002 - Doenças do Sistema Tegumentar, do curso de graduação em medicina na UFPB. Nas oficinas foram utilizados os seguintes materiais: estesiômetro; canetas coloridas; fio dental sem sabor; régua transparente maleável e formulários para ANS.

Para a avaliação qualitativa das oficinas, foi enviado um questionário online (Tabela 1), hospedados na plataforma “Google Forms”, para ser respondido ao final da oficina. Esse continha quesitos que podem ser respondidos com “sim” ou “não” e nível de satisfação. Através da mesma plataforma, foram gerados gráficos que serão explanados neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as estratégias fundamentais para prevenir limitações físicas e neurológicas na hanseníase estão não apenas o diagnóstico e tratamento precoces, mas também as ferramentas de avaliação e acompanhamento das incapacidades e potenciais sequelas até depois da cura. Nesse sentido, é essencial que os médicos estejam atentos e capacitados para conduzir o acompanhamento, usando o Exame Neurológico Simplificado para Hanseníase, que é o foco desta experiência (Santos, 2020).

No questionário de avaliação qualitativa das oficinas foram obtidas 28 respostas. A participação no questionário foi de caráter opcional e anônimo. É importante destacar o relevante grau de satisfação com a metodologia utilizada nas oficinas (85,7%), 75% dos discentes apontaram estar “muito satisfeitos” em relação ao aprendizado proporcionado pelas oficinas. Somado a isso, todos os estudantes participantes avaliaram que a experiência com a oficina de hanseníase foi muito importante para complementar seus conhecimentos sobre hanseníase e 100% acreditam que a oficina deve ser mantida. Esses resultados ressaltam a importância da oficina de hanseníase para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de medicina no que diz respeito à prática do exame neurológico simplificado.

Além disso, 78,6% dos discentes se mostraram “muito satisfeitos” com o papel dos monitores na condução das oficinas. Assim, a prática da monitoria na organização das oficinas de hanseníase reafirma-se como exercício inicial de aproximação à docência desde a vida acadêmica.

Na imagem 1, está sendo realizado o treinamento de posicionamento do examinador para realização da manobra de palpação do nervo ulnar, quando é avaliado espessamento, dor ou paresia dos nervos periféricos. Na imagem 2, demonstra-se a prática de percussão do nervo mediano esquerdo, a fim de avaliar sintomas dolorosos.

TABELA 1: Perguntas que compõem o questionário de avaliação qualitativa das oficinas de ANS em hanseníase

Você já apresentava habilidades com exame neurológico simplificado previamente às oficinas?
Qual o seu grau de satisfação com a metodologia utilizada durante as oficinas (material didático, apresentação teórica e atividade prática)?
Qual o seu grau de satisfação com o aprendizado proporcionado pelas oficinas acerca do exame neurológico simplificado na hanseníase ?
Qual o seu grau de satisfação com o papel dos monitores na condução das oficinas?
Você considera que a oficina foi importante para complementar seu conhecimento sobre a hanseníase?
Você considera que a oficina deve ser mantida como atividade prática da disciplina nos próximos semestres?

Fonte: acervo dos autores

IMAGEM 1 - Treinamento de palpação do nervo ulnar esquerdo.



Fonte: acervo dos autores

IMAGEM 2 - Treinamento da percussão do nervo mediano esquerdo.



Fonte: acervo dos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de competências clínicas é fundamental para uma formação médica de qualidade, e essa é a proposta das oficinas de ANS para Hanseníase. Conforme indicam as estatísticas, esse projeto, ano após ano, complementa o ensino de patologias associadas à pele ao integrá-las com outras áreas cruciais da medicina, como propedêutica, semiologia e comunicação entre médico e paciente. Além de enriquecer o aprendizado, essa metodologia desperta maior interesse dos discentes ao simular situações práticas, preparando-os para a atuação clínica com um enfoque mais dinâmico e interativo. A continuidade das oficinas é altamente recomendada, com o objetivo de aprimorar a educação e aumentar a confiança dos estudantes na realização de exames físicos e na tomada de decisões clínicas adequadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Boletim epidemiológico de hanseníase. Brasília, p. 1-71, 2024.

LEITE, Thiáskara Ramile Caldas et al. Ações de controle da hanseníase na atenção primária à saúde: uma revisão integrativa. Vittale, [s. l.], 2020.

PCDT. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase: PCDT. Brasília, p. 1-156, 2022.

SANTOS, A. R.; IGNOTTI, E. Prevenção de incapacidade física por hanseníase no Brasil: análise histórica. Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 25, n. 10, p. 3731-3744, out. 2020. FapUNIFESP (SciELO).